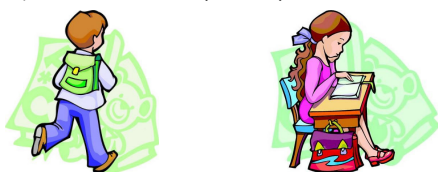


SABERES DESPERDIÇADOS NO COTIDIANO ESCOLAR

O final do ano letivo é um dos momentos mais dramáticos na vida dos sujeitos da escola: professoras e professores, pais e mães, alunos e alunas, coordenadores, diretores, etc. É o momento em que são tomadas as decisões em relação a quem vai ou não "passar de ano". Cada um desses sujeitos vive esse drama do seu lugar, com os seus sentimentos, desejos e expectativas. Logo, cada qual tem a sua avaliação sobre o que viveu, aprendeu e ensinou durante o ano.

Nós, professores, temos a responsabilidade de tomar a decisão final nesse processo e, para que ela seja a melhor possível, nos preocupamos em tentar considerar os diversos fatores que estão envolvidos nessa decisão, seja ela qual for. Há muitas perguntas a serem respondidas: qual será o melhor lugar para ele ou ela no ano que vem? Será que esse aluno tem o que precisa para ir adiante, viver os desafios da série seguinte? Como será que ele vai lidar com a experiência da reprovação? Ela poderá criar um sentimento de perda da autoconfiança por parte do aluno?

Pois bem, tudo o que queremos é decidir da melhor maneira possível e, para isso, percorremos várias vezes a história dos alunos, indo e vindo no seu caminho de aprendizagens e na sua vida. Como é que eles se sentem? Quais serão os seus sentimentos? E os pais e as mães? Com que sentimentos participam disso?



Em nosso país, a reprovação ainda é uma grave questão a ser enfrentada e resolvida. As estatísticas oficiais mostram altos índices de repetência e evasão.

Os ciclos de formação e a avaliação continuada são políticas que tentaram e ainda tentam fazer com que a reprovação deixe de ser um obstáculo ao processo de aprendizagem dos alunos, que pode e deve ser contínuo.

Com os ciclos e o acompanhamento constante dos alunos através de práticas de ensino e avaliação, espera-se que todos aprendam o seu máximo possível, tenham sucesso em seu percurso escolar e não abandonem a escola antes do tempo previsto.

É bem verdade que, em muitos estados e municípios onde essa política foi implementada, os objetivos eram o de mascarar estatísticas de reprovação e/ou a ausência de debate com os professores acerca das concepções que fundamentam tal política. Desse modo, o sucesso dessa política ficou comprometido. Além disso, em muitos desses lugares, não aconteceu o acompanhamento constante dos alunos, as práticas mais adequadas de ensino e avaliação e o processo de formação continuada dos professores, fatores que acabaram também contribuindo para que

tenhamos hoje uma grande quantidade de alunos de escolas públicas municipais e estaduais que passam anos na escola e chegam ao final dos ciclos não tendo conseguido realizar as aprendizagens escolares que precisariam ter realizado.



Aqui no Pedro II, nossa prática é muito diferente. Nosso Projeto Político-Pedagógico prevê a reprovação e até a jubilação a partir da 3ª. série. Vivemos, portanto, esse drama desde cedo. Aquilo que poderíamos conceber como um processo contínuo de aprendizagem, que começa muito antes das crianças entrarem na escola e se dá simultaneamente em outros tantos espaços e tempos em que ela vive além da escola, algumas vezes é interrompido ou, pelo menos, dificultado pela reprovação. Nós, professores, como também os responsáveis e os alunos, percebemos a reprovação dessa forma em várias situações que vivemos todos os anos. Como enfrentá-la, então? Como encontrar saídas possíveis para evitar que nossas decisões, que algumas vezes são pela reprovação, não se transformem em obstáculos ao percurso de sucesso na realização das aprendizagens escolares, que deveriam ser um direito de todos os estudantes?

Penso que discutir mais esse assunto já seria um bom começo. Noto que, algumas vezes, apesar do drama, acabamos encarando a reprovação como um expediente possível e não pensamos suficientemente, ao longo do ano, nas práticas de ensino e avaliação que poderiam promover mais aprendizagens, logo, mais sucesso e menos reprovação. Outras vezes, pensamos que é "normal" que alguns não aprendam, principalmente se tiverem certos perfis comportamentais, sociais, econômicos, culturais etc.

Além disso, penso também, como anunciei no título, que o cotidiano da escola está impregnado de saberes, alguns deles desperdiçados. Todos os sujeitos são sujeitos de conhecimentos, os mais variados possíveis, inclusive sobre essa questão de que tratamos. Por isso, todos têm o que dizer sobre isso. Se nós, coletivamente, nos dispusermos a dialogar no sentido de buscar as soluções para o problema da não realização das aprendizagens esperadas na escola, certamente encontraremos mais e melhores saídas para que todos aprendam e atribuam sentidos aos conteúdos escolares.

E por fim, que possamos, também coletivamente, pensar naquilo que ensinamos, como ensinamos e como avaliamos nesse mesmo sentido, o de garantir aprendizagens e sucesso na escola para todos.

Regina Coeli Moura de Macedo,
Profa. São Cristóvão I